

LEMBRAR, FALAR, (RE) INVENTAR: ORALIDADE e (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA EM BARBALHA-CE

Cícera Patrícia Alcântara Bezerra
Francisco Mateus Carvalho Vidal

Introdução

A forte religiosidade se tornou uma das principais características do Cariri cearense. Um grande caleidoscópio de representações do catolicismo popular e suas crenças. Essa religiosidade é caracterizada pelas constantes re-elaborações e re-incorporações realizadas principalmente por leigos, enquanto condutores dessa cultura religiosa pluralizada, que dispensa o intermédio do clero para manutenção de suas expressões de fé.

Este catolicismo multifacetado marca da religiosidade colonial, é caracterizado pelo exteriorismo e pluralidade, refletido através de atividades devocionais coletivas e/ou individuais de caráter paralitúrgico, tais como: festas, procissões, novenas, trezenas, entre outros. Um dos principais rituais devocionais praticados no Brasil desde período colonial é a penitência, esta, teria sido trazida ao Brasil pelos padres jesuítas, assumindo particularmente no Nordeste características específicas.

Elas são identificadas nessa região a partir do século XVIII, muito influenciadas pelos missionários capuchinhos italianos e lazaristas franceses, sobretudo os primeiros, que em seus sermões sempre enfatizavam de forma agressiva a idéia de um Deus intransigente e cheio de fúria, incentivando nos fiéis o temor ao inferno, que seria o ponto de chegada de quem houvesse desobedecido a Deus pecando contra suas palavras.

Conta a crônica que a religiosidade sertaneja foi muito marcada pelos missionários capuchinhos que aqui estiveram no século XVIII. A tônica era a ameaça do fogo do inferno, daí se reforçou esse maniqueísmo que tem origens mais fundas, mesmo nas escrituras a “invenção do demônio” e posterior ao gênesis (CARVALHO, 2005a, p.143).

A formação religiosa sertaneja foi bastante influenciada pelas missões populares ou missões itinerantes, caracterizadas principalmente pelo estímulo ao sentimento de pecado e a valorização da mortificação corporal como processo de purificação da alma. De acordo com HOORNAERT (1981), tais missões eram marcadas por uma grande frequência de práticas penitenciais, onde missionários e leigos se reuniam em capelas, cemitérios ou cruzeiros para chicotarem seus corpos num clima de dor e arrependimento.

A população sertaneja alegrava-se com a chegada dos missionários, pois, além de ser um momento em que todos se reuniam, também era uma oportunidade de terem contato com a Igreja, já que a mesma, enquanto instituição estava pouco presente no cotidiano da população.

A partir de meados do século XIX, começa a tomar corpo a ação missionária dos Padres Diocesanos Brasileiros no sertão nordestino, sendo um dos seus principais representantes o Padre Ibiapina, que durante quase trinta anos missionou nos estados da Paraíba, Ceará, Pernambuco e Piauí, exercendo grande influência na região do Cariri Cearense. “[...] *Homem das elites, bacharel em direito que abriu mão de tudo para cuidar dos pobres, criar casa de caridade no sertão, de onde saíram beatas, e disseminar um catolicismo triunfante, moldado pela contra-reforma, com base na “Missão Abreviada [...]”*”

A Missão Abreviada se apresenta como um sermonário contendo conselhos para conduta do crente e instruções para maior aproximação com Deus e a valorização da penitência como processo de expurgação dos pecados. O discurso sempre maniqueísta, suscitava na população um constante sentimento de culpa e temor ao inferno.

O pequeno número de sacerdotes católicos nas localidades sertanejas, tal como a pouca ou quase nenhuma vocação de tais clérigos, contribuía para que práticas populares se espalhassem e ganhassem força nas casas, capelas e entre todo o povo dessa região. Muitos padres, mesmo recebendo nos seminários uma orientação ortodoxa e rígida, ligadas aos preceitos da Igreja romanizada, incentivavam e participavam das mesmas.

A epidemia de cólera morbo, ocorrida em meados do Século XIX, dizimou grande parte da população da região do Cariri Cearense, o que contribuiu para que houvesse um afloramento de práticas penitenciais públicas na região do Cariri, que contavam com a participação de muitos padres, onde se acreditava que através do

sofrimento coletivo, diminuiriam os pecados dos homens e a ira de Deus, proporcionando dessa forma, o fim da epidemia que representava o castigo divino pelos pecados dos homens.

Os periódicos que circulavam no Cariri no período da epidemia de cólera, dentre os quais se destaca o jornal “O Araripe”, assim como a literatura escrita sobre a região, referenciam que as Ordens de Penitentes remontam a pelo menos 1850, período anterior a atuação missionária do Padre Ibiapina no Cariri que ocorreu a partir de 1864, tendo sido ele responsável pela construção em Crato e em Barbalha, de algumas Casas de Caridade e Cemitérios, para atender a população castigada pelas constantes secas e pela epidemia.

No discurso apresentado pelos componentes da Irmandade da Cruz, aparece clara a representação do Padre Ibiapina como fundador não apenas desse grupo, como de outros localizados na região. O cemitério do sítio, onde também se realizam as práticas de mortificação corporal, teria sido construído pelo missionário para o sepultamento das vítimas do cólera. O jornal “O Araripe”, na edição de 11.05.1864, contabilizava no Sítio Cabeceiras no ano de 1864, o número de 60 acometidos pela doença, dentre os quais três mortos.

Neste sentido, podemos perceber a existência de determinados elementos que se fazem presente nas narrativas orais dos componentes do grupo, particularmente, os elementos que relacionam o Padre Ibiapina e a epidemia de Cólera Morbo enquanto “mitos fundadores” da penitencia no sítio cabeceiras. Tais elementos diferem, do que alguns “historiógrafos”, particularmente, J. de Figueiredo Filho e Irineu Pinheiro apresentam como sendo “verdade” sobre a prática de autoflagelação no Cariri Cearense. O que pretendemos demonstrar neste artigo, é que os diferentes sujeitos constroem enredos específicos para contar as “suas” histórias.

A Irmandade da Cruz é composta por 20 agricultores, todos moradores do sítio Cabeceiras. O líder do grupo é conhecido como Primeiro Decurião, o mesmo é responsável pelas orientações espirituais e pela organização interna da Irmandade. No início da década de quarenta, Joaquim Mulato, assume a função de Primeiro Decurião, no lugar de Francisco José da Silva que já se encontrava com idade muito avançada. Joaquim Mulato nasceu no próprio Sítio Cabeceiras, seu primeiro contato com o grupo se deu quando ainda criança, ele diz ter ouvido na madrugada um grupo de penitentes

entoarem o Bendito “ABC Divino”, diz ter achado o cântico muito bonito. Tornou-se componente do grupo com apenas 16 anos.

Não existe um período específico para ocorrência da prática da penitência, acontecendo com maior frequência durante o período da Quaresma. Os componentes do grupo saem altas horas da noite, dirigindo-se ao cemitério do Sítio, ou cruzeiros ali localizados, para entoarem os benditos e iniciarem o ritual de autoflagelação. Dependendo do pecado há uma “escolha” de que objeto ritual será utilizado na prática penitencial.

Os objetos rituais usados pelos mesmos durante o autoflagelo são: cacho da Disciplina e o Cilício, que teriam sido de acordo com os relatos dos componentes do grupo, trazidos no final do século XIX de Recife pelo padre Ibiapina. A forma de fabricar o cacho da disciplina foi repassada no decorrer do tempo pelos Decuriões que antecederam Joaquim Mulato, este informou que o Cilício seria do período em que o Padre Ibiapina esteve na região do Cariri.

Os Benditos, que são cânticos transmitidos oralmente pelos componentes do grupo, apresentam a “permanência” através da memória de um imaginário que faz do sofrimento corporal uma condição fundamental para o processo de expurgação dos pecados, e que “adapta” a vida dos santos católicos europeus, ao cotidiano do Sertão nordestino, é neste sentido, uma linguagem pela qual a memória se expressa. As letras geralmente são direcionadas à necessidade da mortificação corporal como condição para a salvação da alma. Joaquim Mulato informou que os Benditos entoados por eles foram também trazidos pela ação missionária do Padre Ibiapina.

Até o início da década de setenta, o grupo não era conhecido pela população urbana barbalhense, essa situação foi modificada com a introdução do grupo nos festejos folclóricos que marcam a abertura da festa de Santo Antônio. Até então as reuniões eram secretas, e as pessoas da comunidade só descobriam quem era penitente no seu velório, já que existia um ritual e uma vestimenta diferente para os componentes do grupo. No corpo do morto era colocado uma opa, um capuz e um cordão que simbolizavam que o mesmo pertencia a referida Ordem. Durante a Sentinela dos componentes do grupo, eram entoados cânticos e orações durante toda a noite, com a finalidade de pedir clemência divina para com aquele.

A prática da autoflagelação tem fins religiosos e não possui caráter público, ocorrendo em lugares afastados para que os componentes não sejam reconhecidos. Nas

apresentações que fazem na festa de Santo Antônio em Barbalha, nas cidades circunvizinhas e até mesmo em vários lugares do Brasil, eles apenas cantam os benditos entoados nas sentinelas. Fazem isso também quando são convidados dentro da comunidade para “tirar” o terço.

Nos últimos anos tem sido cada vez mais constante a participação do grupo em eventos “artísticos” de caráter nacional. Em 2005, Joaquim Mulato foi uma das atrações do Carnaval carioca, desfilando na escola de samba Mangueira. A sua participação foi bastante divulgada pela imprensa local. Entre as câmeras e as orações, o grupo permanece como um dos símbolos religiosos e culturais da região do Cariri cearense, ora privilegiado, ora excluído, o que depende em grande parte das relações políticas existentes na região do Cariri.

A memória ultrapassa o tempo da vida individual, fornecendo através das narrativas o encontro de temporalidades díspares. As narrativas são entrecortadas pelas emoções do ontem, renovadas e re-significadas pelas emoções de hoje, as mesmas podem se constituir como instrumentos de “preservação” de um número bastante amplo de identidades. Neste sentido, é preciso pensar a(s) Identidade(s) como um conjunto complexo de símbolos que de uma forma dinâmica se (re) agregam.

Os rituais de autoflagelação, assim como outros aspectos do catolicismo brasileiro, são resultados de heranças culturais, re-significadas através dos fragmentos da memória, já que a mesma reflete o período histórico em que é construída, constituindo-se de trocas pacíficas e/ou conflituosas.

Os registros oficiais referenciam a prática penitencial na região do Cariri cearense, e particularmente no sítio Cabeceiras, como tendo início em 1850, mas diversos elementos são responsáveis pela propagação de um discurso apresentado pela Irmandade da Cruz que correlaciona a atuação do padre Ibiapina e o surto do cólera morbo, ocorridos o final do século XIX ao surgimento do grupo.

A memória encontra-se ancorada em diversos vestígios, dentre os quais podemos destacar: espaços físicos, objetos rituais e cotidianos, fotografias e cânticos. A mesma pode estar revestida de nostalgia e exaltação a determinados períodos e fatos, assim como também entrecortada de silêncios e esquecimentos, se apresentando como passível de manipulação. A sua configuração é estabelecida em torno da relação passado-presente, onde ocorre um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas.

Para (POLLAK 1989, 23-24) A memória se constitui como um campo de conflitos e disputas que podem ser evidenciadas através das narrativas construídas pelos seus atores, é uma operação seletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, a mesma se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes. Esse constante “campo de batalha” se evidencia pela contemplação e exclusão de determinados fatos através de versões que respondem a propósitos dos períodos históricos em que são construídos, o que não pode ser evidenciado se preserva na memória subterrânea. Esta se constitui como a memória dos excluídos, dos marginalizados, parte integrante das culturas minoritárias, utilizando como um de seus instrumentos de sobrevivência a oralidade.

A memória é ancorada através de inúmeros fragmentos que compõem o seu complexo mosaico, que podem ser alicerçados e representados em diversos lugares. Os lugares da memória não são criados de forma espontânea, são construídos a partir da necessidade de enraizar a memória no concreto. Neste sentido (NORA, 1993, p.13)

Os lugares da memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.

As narrativas podem atuar no processo de re-atualização e legitimação desses lugares, já que as mesmas se constroem através de diversas interpretações e discursos produzidos pelos sujeitos historicamente situados. As mesmas também exercem a função de criadores e legitimadores de identidades dos grupos sociais. Em certo sentido, determinados elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala, momentos que podem não se situar no tempo e no espaço de vida de uma pessoa ou de um grupo, mas que se tornam contemporâneos.

Esse fato ocorre através de um procedimento que (POLLAK1992-13) denomina como “memória herdada”, contribuindo para que haja uma forte ligação entre a memória e o sentimento de identidade, referente à auto-imagem que uma pessoa ou um grupo cria para si e conseqüentemente para os outros. Tais valores não são imunes ao

processo de transformações, através de mudanças nas concepções internas e/ou de interferência de elementos exteriores.

Neste sentido, concordando com as afirmações do referido autor, a respeito do caráter conflituoso e (re)atualizador da memória, que define e reforça o sentimento de pertencimento entre grupos sociais de tamanhos díspares, podemos entender que o grupo de penitentes do Sítio Cabeceiras cria uma auto-imagem contribuindo para construção da sua própria identidade, a partir das lembranças contemporizadas pela oralidade.

O discurso propagado pela Irmandade atribui à atuação do Padre Ibiapina, assim como ao surto de cólera morbo, a responsabilidade pelo surgimento dos grupos de penitentes na região do Cariri Cearense, contradizendo dessa forma, o que é apresentado pelos registros oficiais, tornando evidente o caráter interpretativo da memória. Ao ser perguntado sobre a origem da prática de autoflagelação no Sítio Cabeceiras, o Decurião Joaquim Mulato oferece uma contribuição importante no que concerne a dinâmica (re)organizadora da oralidade:

Quem criou? Frei Ibiapina, trouxe de Roma, o Papa que deu e mandou ele estender aqui. Naquele tempo tinha a epidemia de coli[cólera] as doença era perigosa, a seca era muito temerosa, ele vem fazendo penitência, Frei Ibiapina, ali ele trouxe essa ordem do Papa, que lá tem, ele escolheu, qual que dava pra fazer na basílica, irmão da cruz. Quando ele inventou cilin, cacho, ai ensinou como é que andava de dia, foi ele que trouxe.

A fala de Joaquim Mulato só evidencia o quanto a oralidade é (re)criadora das experiências de vida compartilhadas e repassadas pelos sujeitos “comuns”. Nela, as vivências religiosas desses homens, na grande parte das vezes esquecidas pelas narrativas oficiais, tomam um ar extraordinário, fantástico, traduzida pelo “encontro” entre diferentes tempos e atores sociais.

É preciso temos atenção sobre a forma particular com que o nosso entrevistado pensa e engendra a relação entre as práticas populares, particularmente a penitencia e a ortodoxia católica. Como podemos observar no referido trecho, teria sido o próprio papa que, pessoalmente, teria dado “autorização” para construção, pelo Padre Ibiapina, de um grupo de Penitentes no Sítio Cabeceiras. A memória foge de qualquer determinação temporal, é um campo do devir.

Os depoimentos dos penitentes correlacionam o surgimento da prática de mortificação corporal no Sítio á atuação missionária do Padre Ibiapina, assim como ao

surto de cólera morbo ocorridos no final do Século XIX, contrariando o que é apresentado pelos discursos oficiais que identificam o surgimento da prática como tendo sido anterior a esse período. O trabalho privilegia na sua análise desde as narrações construídas pelos penitentes sobre o surgimento da prática no Sítio Cabeceiras, até seus aspectos mais atuais, que atuam como legitimadores da identidade do grupo.

Na tentativa de compreender as formas com que os sujeitos travam relações, tem-se a necessidade de perceber essas vivências como “campos de batalha” onde a memória se configura enquanto elemento organizador das experiências social e historicamente produzidas. Sua caracterização específica em diferentes temporalidades evidencia o quanto esta é passível de manipulações, servindo como forma de dominação de um grupo sobre outro, ou de forma inversa, como voz dos excluídos da história oficial.

Partindo desses principio de valorização das narrativas orais para o referido trabalho, compreendemos que a oralidade não se constitui simplesmente como veículo “alternativo” a ausência ou mesmo insuficiência do documento escrito. Ela é única, tem suas particularidades e por isso suas problemáticas próprias. A fala, assim como a escrita, esconde, disfarça, “inventa”, desabafa sentimentos, engendra inúmeras alternativas pelas quais as trajetórias de vida podem caminhar ou mesmo mudar de rumo.

Os Relatos de Chico Severo, componente da Irmandade, evidenciam as correlações que o grupo estabelece entre o surgimento da prática penitencial no Sítio Cabeceiras, a atuação do Padre Ibiapina e a epidemia de cólera morbo ocorrido na Região do Cariri no final do século XIX, assim como um sem número de histórias associadas diretamente ao surto epidêmico.

A Cólera, a pessoa ia se deitar não se levantava mais, tava conversando uma besteirinha na porta, quando saia não dizia até amanhã, dizia até 20 minutos, quando amanhecia dia a porta quebrava, pia tava tudo morto, a pessoa tava conversando mais outra, pouco mais dizia, ui! se incuia, caia no chão, cum pouco tava da grossura de um talo, desmanchava todinho. Foram dez homens, cavava vala no cemitério, quando tava respardando já levava um facho e uma vela, pra se morresse um tava lá, quando um fez vichi, tocou fogo uma vela o outro fez ui, o outro fez ui! Uma doença que não tinha[...] Bem ali, morava um homem, ai o povo vinha dali com um enterro, quatro homens, ai o homem ia janta na janela, olhou o povo que tava passando, ele gritou: Quem morreu? Foi fulano, ele disse quem? Fulano morreu! morreu, quando ele sentou-se pra jantar e num jantou mais, ali mesmo foi esmorecendo e caiu, quando os outros vieram, levaram ele, já tinha morrido também.

A partir do que foi observado no depoimento, podemos perceber o Sítio Cabeceiras enquanto lugar de memória no que concerne as ocorrências de Cólera no final do Século XIX e a atuação do Padre Ibiapina na região do Cariri, assim como as histórias relacionadas a doença são apresentadas de forma trágica mas sem perderem o humor característico dos componentes do grupo.

Inúmeros “personagens” são apresentados nas narrativas, seus dramas particulares em decorrência do cólera, são apresentados com um ar “cômico”. Ressurgem histórias, dramas e tramas (re)vividas no decorrer da narração. A construção desses enredos revisita lugares onde esses homens viveram/morreram, construíram suas histórias, distante de qualquer espaço na memória oficial.

Ainda sobre os benditos, estes são de acordo com as informações do Segundo Decurião, Severino Rocha, mais de 180 ao todo. Dentre os vários, alguns chamam a atenção pela simbologia que exercem a dor durante o autoflagelo:

Valei-me minha dor
valei-me minha dor
de nosso senhor
valei-me minha dor (repete)
de nosso senhor
pelos meus pecados eu ando estas horas
pelos meus pecados eu ando esta hora
e o sangue era tanto
e sangue era tanto
que corria no chão
o sangue era tanto
que corria no chão
perdoai senhora este coração
perdoai senhora este coração
e o sangue era tanto
e o sangue era tanto
que fazia horror
perdoai senhora este coração

A literatura escrita por intelectuais Caririenses, principalmente J. de Figueiredo Filho (1960) e Irineu Pinheiro (1963) sobre a região, apresenta os discursos produzidos em torno da prática da penitencia no Cariri Cearense. Tais livros, afirmam que os grupos penitenciais remontam a pelo menos 1850, período anterior a atuação missionária do Padre Ibiapina no Cariri que ocorreu de acordo com os mesmos a partir de 1864. Essas construções são produtores de “verdades e realidades” específicas, imprescindíveis também para a construção das identidades de determinados grupos.

Tal literatura nos foi útil principalmente no que se refere à compreensão do discurso que durante muito tempo foi apresentado sobre as formas populares de manifestação religiosas, principalmente a autoflagelação, consideradas, por estes autores, como formas atrasadas “fanáticas” de se crer. Em vários trechos dos livros citados, são descritas de forma bastante “preconceituosa” as práticas, crenças e hábitos de alguns grupos “inferiores” localizados nas zonas rurais do Cariri Cearense.

Por fim, a escolha da Irmandade da Cruz, parte do entendimento de que para além da História oficial, ancorada particularmente no documento escrito, pulsa outras histórias, engendradas e reatualizadas pela oralidade, instrumento silencioso, porém eficaz na perpetuação de valores e experiências de vida dos homens “comuns”, assim como instrumento de re-atualização das tradições religiosas de tais sujeitos.